

ESTELA FUNERÁRIA DE RUIVÓS, SABUGAL
(*Conventus Scallabitanus*)

Foto 31

Na capela de S. Paulo, poucas centenas de metros a sul da aldeia de Ruivós (Sabugal), embutida na parede virada a norte e fazendo parte do cunhal esquerdo da fachada, a cerca de dois metros de altura, encontra-se o que resta de uma estela funerária. Está deitada sobre o lado direito, faltando-lhe parte da base e, em maior extensão, a cabeceira e a parte inicial do campo epigráfico. Deve ter sido reaproveitada no séc. XVIII, aquando da ampliação da capela, e foi certamente retirada da estação arqueológica de época romana em que está implantada aquela (e já referida nas «Memórias Paroquiais» do séc. XVIII).

Dimensões: 123(?) × 48 × 33.

Campo epigráfico: restam apenas duas cartelas — a primeira com 32 × 32/34, e a segunda com 36 × 35.

[... ..] / A[LF]IDVE / A[MA]E(?) L(ucii) / AMNI(i) . F(iliis)
/ CIPPV/ANI . FILL(i)/IS . S(uis) PAT(er) / (faciendum curavit)

[A (?) e] a Alfidia Ama (?), filhos de Lúcio Ânio Cipiano. Aos seus filhos, o pai (mandou fazer esta memória).

Altura das letras: l. 1: 8; l. 2: 7,5; l. 3: 8/7,5; l. 4: 8,5 (= C)/8; l. 5: 8/6; l. 6: 5,5/6.

Espaços: primeira cartela — 1: 0; 2: 2; 3: 2,5/4; 4: 3/2,5; segunda cartela — 1: 0; 2: 2/4; 3: 2/2,5; 4: 9/7.

Gravação em caracteres capitais rústicos, com influência da escrita cursiva, nem sempre utilizando o mesmo módulo. Na l. 1



Foto 31

existe a haste vertical do L, mas não a do F de que restam apenas os travessões; os AA, bem como o M, são bastante abertos, sendo o M assimétrico; na l. 5 o travessão do A foi substituído por um pequeno traço vertical; os PP são de pança bastante prolongada horizontalmente e aberta; os SS são esguios e inclinados para a direita.

Há a assinalar a redução de *-ae* a *-e*, bem como a substituição de I por V em *Alfidia* → *Alfidua* e *Cippianus* → *Cippuanus* (corruptela de pronúncia regional?). As siglas das ll. 2 e 3 devem representar uma gravação de recurso, como recuperação de um texto que pareceria incompleto: o travessão do L, bem como o

punctus e o F estão gravados sobre a moldura; esta última sigla deveria ter sido gravada a seguir a *cognomen* do pai, mas, possivelmente para evitar a repetição com o formulário que se segue, inicialmente deverá ter sido excluída: daí a sua gravação na l. 3; entre a sigla e a abreviatura da l. 6 não existe o *punctus*.

Há a assinalar a utilização do dativo e os nexos $\overline{VE}$, $\overline{AE}$ (?), $\overline{AN}$ (e possivelmente $\overline{LF}$ na l. 1). Na primeira cartela, desaparecida, além do nome do defunto, talvez existisse a consagração aos deuses Manes.

Sem qualquer inscrição existem ainda, na parte inferior, dois pares de pequenas cartelas: as duas primeiras com $9,5 \times 12$, a terceira com 12×12 e a quarta com $11,5 \times 9,5$.

Trata-se certamente de uma família indígena profundamente romanizada, que, além da adopção da antroponímia latina, utilizava já os *tria nomina*. Esta antroponímia, pouco vulgar na região é no entanto conhecida nas regiões Emeritense, Gaditana e Tarraconense: *Alfidia* — ILER 4118 (= CIL 5258) (Mérida), ILER 2761 (Badajoz), ILER 2902 (Cádiz); *Alfidius* — ILER 1311 e 5816 (= CIL 4122 e 4137) (Tarragona); *Cippianus* — ILER 2959 (= CIL 1874) (Cádiz).

FERNANDO PATRÍCIO CURADO